

PAPA VELÓRIO

(Original em três atos de Erico Cramer)

PERADOR CARACTERÍSTICA MUSICAL
DOCTOR Papa Velório, original em três atos de Erico Cramer.
PERADOR Sopa e Baixa
NARRADOR O Libório era assim. Onde houvesse um esquife e dois cirios acendidos, lá estava ele, quieto e calado, a fumar de quando em vez um cigarro de fumo crioulo, a fisionomia compungida, sentado e um canto da sala ou encostado num postigo de porta, miudinho e encolhido como roupa de drim que não foi molhado e apenhou chuva torrencial. Ainda quem não conhecesse o defunto, as suas expressões para as pessoas da família enlutada eram sempre as mesmas.

LIBÓRIO (COMPUNCIDO) Queira aceitar as minhas mais sinceras condolências. O finado era um grande amigo que eu perdi. Às vezes, nem ao menos de vista ele conhecia o defunto, mas como morto não fala mesmo, não havia perigo nenhum de ser descoberta a mentira. A mulher e a filha do Libório é que implicavam de verdade com aquele seu mania extravagante.

CAMILA Não sei que mania mais idiota é essa sua, e de se meter em tudo quanto lá velório que aparece na vila.

CONOR É mesmo, papai. Não sei que gosto o senhor pode ter em ver uma pessoa dentro dum caixão, com os braços cruzados sobre o peito e a família toda a chorar em volta.

NARRADOR O Libório não dizia nada, mas continuava a assinar o ponto em todos os velórios que aparecessem à sua frente. E tinha mais: era quasi sempre o primeiro a chegar, para só sair quando o enterro se fazia. Por esse motivo, justamente, é que na vila já lhe tinham dado o apelido de "papa velório". Diziam uns que dona Camila era muito uau-rária e que seu Libório ia aos velórios para matar a sua fome de cafésinhos; outros, melancólicos, afirmavam que

nos braços, outras mulheres sem ser a sua; e outras, finalmente, acreditavam e diziam à boca cheia que o pobre homem era um tótem para quem o cheiro das velas era um nectar dos deuses. Sei Libório, interrogado, responde sempre a mesma coisa:

LIBÓRIO

Eu quero que o dia em que eu morrer haja bastante vento no meu velório. Por isso vou a todos, para que as pessoas da família sintam-se na obrigação de comparecer ao meu.

TARRADOR

Um dia, uma vizinha e amiga de dona Camile veio conversar com ele. E' que em recato na vila um caixeiro viajante que se enamorara de Leonor e o tal namora, embora detasse, já, de quasi tres mezes, continuava em ponto morto. Dona Camile, como toda mãe zelosa, agilita-se com a indecisão do rapaz e incumbira a amiga de fazê-lo chegar às velas.

CAMILA

Falou com ele, vizinha?

MARCOLINA

Falei, vizinha, falei.

CAMILA

E o que foi que ele disse?

MARCOLINA

À princípio estava embatucado que não havia jeito de se conseguir errancar nada de positivo. Mas a senhora sabe como eu sou, não sabe?

CAMILA

Se sei. E foi justamente por isso que lhe incumbi de falar com ele.

MARCOLINA

Sim, porque eu quando quero saber uma coisa... a senhora já sabe como é. Vou perguntando, perguntando, perguntando... até que o sujeito espirra.

CAMILA

E ele espirrou, finalmente?

MARCOLINA

Óra, se espirrou. Ele é melhor do que os outros? Pois sim. Custou, mas acabou espirrando.

CAMILA

E como é, ele casa ou não casa?

MARCOLINA

Espera, dona Camile, tenha calma. Puxa que a senhora é mesmo afobada, papagaio!

- CAMILA Se a senhora tivesse uma filha encalhada, como eu tenho a Leonor, eu queria ver se a senhora também não estaria nesse afobação que eu estou.
- MARCOLINA Ora encalhe coisa nenhuma. A menina nem tem vinte anos ainda.
- CAMILA Mas eu com a idade dela já estava à espera de que ela precisasse.
- MARCOLINA Mas a questão é que os homens do nosso tempo bem trouxeram, os de hoje não são. Eles sabem muito bem; que pare ter uma saia por conta própria tem que suar o dobro do. E olhe que a vida hoje não é difícil. Tudo pela hora da morte...
- CAMILA (IMPACIENTE) Deixe a vida de lado, dona Marcolina. Conte uma vez a sua conversa com o seu Alexandre.
- MARCOLINA Pois eu fui procurá-lo no hotel e ele não estava. Aí, quando eu vim de volta para casa, passei pela farmácia do velho Pagundes e quem avistei lá dentro: o seu Alexandre. Ah, não tive dúvidas. Convidei-o a sentar-se comigo no banco da praça e comecei a novena. (TOM) Então? Como vai se dando aqui pela nossa terrinha?
- ALEXANDRE Muito bem, felizmente.
- MARCOLINA A terra é boa, não é verdade?
- ALEXANDRE Sem dúvida.
- MARCOLINA Muito pequena... muito parada...
- ALEXANDRE Eu gosto exatamente é disso. Estou cansado do bulício das grandes cidades. Não há como os ambientes bucólicos das pequenas vilas do interior.
- MARCOLINA É mais repouso e mais salutar, sem dúvida nenhuma. Depois... que o lugar seja grande ou pequeno não importa. Desde que haja garotas bonitas para passar o tempo... (PAUSA) Que acha das garotas daqui, seu Alexandre?
- ALEXANDRE Interessantes. Muito interessantes.
- MARCOLINA E não há nenhuma delas que lhe tenha despertado um inte-

- ALEXANDRE Bem...quer dizer...
- MARCOLINA Pois, fale com franqueza. Eu sou uma velha que gosta muito de ajudar os moços nesses questões de memoricos.
- ALEXANDRE Eu já senti isso.
- MARCOLINA Sentiu, não foi? Pois então ponha a vergonha de lado e trate de aproveitar a minha boa vontade.
- ALEXANDRE Obrigado, dona...
- MARCOLINA (DEPOIS DE PAUSA) Marcolina. Marcolina Verêtes. Uma criada às ordens.
- ALEXANDRE Pois dona Marcolina, eu...eu sempre gostei de vencer ao sinal, e senhora sabe; Basta dizer à senhora que meu pai é um industrial importante no Rio De Janeiro e eu me sujeito a esse vida cansativa de caixeiro viajante para não depender dele.
- MARCOLINA Bem, nesse particular eu estou com o senhor. Acho que um homem, para ser verdadeiramente homem, deve vencer sozinho. Agora, quanto às questões amorosas, um empurrãozinho de um terceiro não despreza a vitória.
- ALEXANDRE Mas não há nenhuma necessidade de empurrão no meu caso, dona Marcolina.
- MARCOLINA O senhor é que pensa.
- ALEXANDRE Não penso, não. Tenho a certeza.
- MARCOLINA Pois está redondamente enganado. Quer ver? Se o senhor aceitar o meu oferecimento, eu, como amiga da casa, poderei leva-lo em minha companhia e apresentá-lo *por aqui* ao pai do menino.
- ALEXANDRE Pois é isto justamente o que eu não desejo, dona Marcolina.
- MARCOLINA Não deseja?!...Como?!...Mas então o senhor está namorando e procura para que? Para divertir-se, apenas? Não creia. O senhor não pode ser desse tipo de homem. Quer dizer... pelo menos não tem feito de ser...
- ALEXANDRE E não sou capaz de ser...

- MARCOLINA Mas então eu não compreendo a sua atitude de não desejar conhecer de perto os pais de Leonor.
- ALEXANDRE Eu já os conheço de sobra, embora não lhes tenha sido apresentado.
- MARCOLINA E tem alguma coisa contra eles?
- ALEXANDRE Bem... contra a mãe eu não posso dizer que tenha nada. Vejo-a na rua, seguidamente, e me parece uma senhora perfeitamente equilibrada.
- MARCOLINA Ah é. Posso lhe garantir que é. Eu conheço a Cemila desde menina. Podemos criadas juntas. É uma criatura muito boa, muito correta e muito virtuosa.
- ALEXANDRE Mas o pai de Leonor é um ridículo.
- MARCOLINA Coitado do seu Libório!
- ALEXANDRE Um homem que viva cheirando defuntos e pondo em ridículo a mulher e a filha. O papa velório, como todo o mundo o chama. A senhora acha que um homem desses pode ser sogro de alguém?
- MARCOLINA Ele é tão bom alma! Não faz mal a ninguém o pobre.
- ALEXANDRE A senhora é que pensa que ele não faz. Quer ver como faz? Eu gostei de Leonor desde o primeiro dia em que a vi. Quando fui perguntar quem era ele a resposta foi esta: "É filha do papa velório". No café, quando os meus amigos souberam que eu estava de namoro com ela disseram logo: "Tu estás de namoro com a filha do papa velório? Não amola, — velhodesista". E todo o mundo vem parre mim com a mesma cantilena: "O papa velório, o papa velório, o papa velório..." Não, nada disto. (TOM)
- E eu gostei realmente de pequena, a senhora sabe?
- MARCOLINA Não creio que tenha gostado. Se assim fôsse, passaria por cima dessas pequenas coisas que afinal não têm maior importância.
- ALEXANDRE Não posso. Tenho feito uma força enorme para acertar a quele pobre diabo como ele é, mas não vai. O ridículo dele

peça demais e eu tenho certeza de que, se eu cessar com Leonor, sentirei esse peso nos meus hombros.

MARCOLINA

E' porque o amor não é tanto, do contrario obscureceria tudo.

LEONOR

A senhora quer saber de uma coisa? Vou até deixar esse lado e voltar para o Rio para que essa moça me saia da lembrança.

NARRADOR

(DEPOIS DE UMA PAUSA MARCADA) Dona Camilla esteve pálida de espanto e de raiva. Aquella revelação, ouvida dos lábios de dona Marcolina, fôra como um saenão violento que a fizesse despertar do alheamento em que vivera durante os vinte e dois anos de união com aquele homem.

CAMILLA

Ele tem razão. Tem toda a razão. Como é possível que eu nunca tivesse percebido o ridiculo enorme em que ele nos atira, com essa mania de papir os velórios todos que encontra? Ah, mas eu vou tomar uma atitude tão violenta como homem que ele vai logo se corrigir. Ah, se vai!... Ou ele abandona de vez essa mania cretina e volte a ser um homem como todos os outros, ou então...

C/REGRA

PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMA

MARCOLINA

Cuidado. Leonor vem aí e não convém que ela saiba a verdade.

CAMILLA

Como não convém? Convém, sim senhora. Ela precisa saber de tudo.

LEONOR

(APROXIMANDO-SE) Que houve, mamãe? Que tem a senhora que está tão exaltada?

CAMILLA

Já vou saber, minha filha. Eu vou te contar, tim-tim por tim-tim.

NARRADOR

(T. POIS DE PAUSA) E dona Camilla, gotejando pragas e improperios, repetiu para a filha todas as coisas que dona Marcolina acabara de lhe contar. Leonor ouviu tudo mordendo os lábios de angústia ou raiva - sei lá.

E quando a mãe afirmou que obrigaria Libório a se mo-

ficar totalmente...

HONOR

(COM ÓDIO CONTIDO) Não sei mais, mãe. O ridículo já se impregnou nas nossas almas e não nos resta outra alternativa senão a de nos resignarmos ao seu efeito nefasto.

DAMILA

Não, minha filha, não disto. O que não podemos é cruzar os braços e deixar que ele se alastre, atrofiando as nossas vidas. Temos que abrir luta contra ele e uma luta de vida ou de morte.

HONOR

Ainda que a senhora proíba o papai de ir aos velórios futuros, os que ele fez no passado deixaram-lhe o nome que ele não perderá nunca mais. Há de ser eternamente o papa velório; e senhora continuará sendo a mulher do papa velório e eu a filha do papa velório! (CHORANDO DE RAIVA) Oh que ódio, que raiva que eu sinto, mãe!... Como é possível que um homem não se lembre que tem uma mulher e uma filha e que esse mulher e esse filha serão sempre atingidas pelos reflexos de sua personalidade? E como é possível que também nós não tivéssemos pensado nisso ainda em tempo de evitar que esse terrível pecado do papai viesse a nos prejudicar como está nos prejudicando agora?

DAMILA

Minha filha, acalme-se. Vamos pensar com calma na decisão que devemos tomar.

HONOR

Pensar com calma! É possível ter calma diante de uma coisa assim? Quando estou em vésperas de realizar o meu sonho de moça, casando-me com um rapaz bonito, elegante, de uma família distinta e de um momento para o outro vejo o meu sonho desfeito? Não, não, mãe, não é possível ter calma num momento destes. Eu estou desesperada e com toda a razão.

MARCOLINA

E saber o que ele me disse? Que o pai é um importante industrial no Rio de Janeiro.

LEONOR A senhora está vindo, mamãe? A senhora está vindo e que eu perdi por culpa do papai?

CAMILA Mas ele me paga. Oh se me paga. Hoje, quando ele entrar aqui dentro, antes que tenha posto o chapéu no cabide já eu vou...

LEONOR Mamãe, eu acabei de tomar uma decisão e ninguém me impedirá de cumpri-la.

C/REGRA PASSOS QUE SE AVANTAM, RAPIDOS E DECIDIDOS

CAMILA Minha filha, onde vais? Que vais fazer?

LEONOR Eu vou falar com Alexandre, agora mesmo!...

OPERADOR CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 1º ATO

II ATO

OPERADOR CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO 2º ATO

NARRADOR Encontrando-se na iminência de ver assobrar o seu sonho de moço, Leonor saiu ao encontro de Alexandre. Encontrou-o ainda na farmácia do seu Fagundes e com ele entretive uma palestra de quasi duas horas. Quando voltou para casa era noite fechada. Dona Camila, então, estava a espera do filho para saber o que se tinha passado. Não pôde satisfazer desde logo a sua curiosidade porque logo a seguir seu Libório chegou.

LIBÓRIO (DEPOIS DE PAUSA) Bom noite.

CAMILA MÁ VONTADE) Boa noite.

LIBÓRIO Como vai, minha filha?

LEONOR (SECA) Vou indo.

LIBÓRIO Vai indo por que, minha querida? Que lhe impede de ir bem?

LEONOR (SEMPRE SECA) Estou com dor de cabeça.

LIBÓRIO Quer um comprimido? Eu tenho aqui.

LEONOR Não quero.

LIBÓRIO Porque não? Tome que você melhore logo em seguida.

LEONOR Já disse que não quero.

LIBORIO Está bem, desculpa. A intenção do papai foi de melhorar o seu mal estar.

LEONOR Eu vou me deitar. Com licença.

C/REGRA ALCUNS PASSOS QUE SE AFASTAM E PARAM

CAMILA Você não vai querer tomar ao menos um pratinho de sopa, minha filha?

LEONOR (AFASTADA) Não, mamãe, não tenho vontade.

CAMILA A mamãe leva lá no quarto para você, quer?

LEONOR (AFASTADA) Não, não quero. Vou ficar em repouso, com a luz apegada para ver se melhora.

CAMILA Depois do jantar eu vou lá ver como você está.

LEONOR (SEMPRE AFASTADA) Está bem, mamãe.

C/REGRA MAIS PASSOS QUE SE AFASTAM, PARTINDO DE ONDE HAVIAM PARADO. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA

LIBORIO Que terá ele, minha velha? Achei-a tão diferente na maneira de me tratar.

CAMILA Pois eu lhe digo que ele ainda o tratou muito bem, entende? Bem demais, até.

LIBORIO Camila!... Que é que está acontecendo nesta casa?

CAMILA Está acontecendo que eu e sua filha estamos com você por aqui, está ouvindo? Por aqui.

LIBORIO Mas meu Deus do Céu!... Que fiz eu para que você me trate de uma forma tão agressiva?

CAMILA Você ainda pergunta? Ainda tem o caradurismo de perguntar, Libório?

LIBORIO Mas naturalmente que sim. Pois se eu não fiz nada.

CAMILA Libório, onde você esteve até agora? Você sai do serviço às cinco e meia da tarde, são quasi oito horas da noite. Onde você anda até agora? Onde? Responda.

LIBORIO Num velório lá na vila Pompeia.

CAMILA (ARREDANDANDO) Num velório lá na vila Pompeia. (TOM) Velório de quem Libório? Vamos, diga.

LIBORIO Eu não sei Camila, Não conhecia o defunto. Era um anjinho. Diz que — teve difteria.

AMILA Não conhecia o defunto e foi se meter no velório. Porque você vai ao velório dos defuntos que você não conhece, Libório?

LIBÓRIO Porque tenho pena, Camila. Geralmente são uns velórios tão pobres... vai tão pouca gente...

AMILA Pois é, mas você não falta. Você está sempre ali firme...

LIBÓRIO É verdade, sim, eu não falta. Isto é, falta, sim, quando não fico sabendo. E me dá uma pena de não ter ido quando isso acontece...

AMILA Você é um idiota, um cretino, um ridículo...

LIBÓRIO Mas quando eu morrer você vai vir ao meu velório. Vou ter que ser velado no Club ou no casa paraquedista porque aqui na nossa casa não vai caber a metade da gente que há de vir.

AMILA Decididamente você é um paranóico, Libório. Em vez de se meter nos velórios dos defuntos que você não conhece, devia lembrar-se da sua mulher e de seus filhos. Isso é que você devia fazer.

LIBÓRIO Lembre-me de você e de Leonor? Mas quando que eu as esqueci, Camila, quando?

AMILA A vida toda. Você nunca se lembrou de nós. Nunca.

LIBÓRIO Não diga uma heresia tão grande, minha velha. Que tenho feito eu, na minha vida, minha vida, para que não lhes falte conforto? Trabalho de manhã, de tarde, de noite... estou sempre sempre trabalhando, sempre pensando em ganhar mais um pouco para que vocês também tenham mais. E não lhes falta nada, parece...

AMILA Falta tudo, porque... falta equilíbrio na cabeça do chefe da família.

LIBÓRIO Camila, minha velha: você está exaltada e eu não atino com a razão.

AMILA Porque lhe falta muito. Porque em vez de cuidar de você tem que se meter no velório dos defuntos? Você quer que eu lhe

za o que se passa aqui em casa, não quer? Pois então ouça: eu e sua filha estamos cansadas, ouviu? Estamos fartas de sermos apontadas na rua como a mulher e a filha do papa valeroso. É isso.

ARRADOR (DEPOIS DE PAUSA) Depois dessa revelação, Libório permaneceu muito tempo quieto, pensativo, sem dizer palavra. Os pensamentos se acotovelavam no limitado espaço de seu cérebro aturdido. Não via razão para a revolta da esposa e estava profundamente magoado com as acusações que lhe haviam sido feitas. Que mal poderia haver em que ele fosse velar os defuntos mesmo quando não os conhecesse? (PAUSA E TEM) Quasi não jantou. Ou melhor: não jantou mesmo.

A comida não lhe passava na garganta. Até o cafézinho recusou. Quando a mulher começou a tirar a mesa, ele se levantou e se dirigiu para o quarto da filha. O corpo pesava lhe tanto que as pernas cambaleavam às vezes. Chegou à porta do quarto e procurou abri-la.

REGRA RUIDO DE QUERER ABRIR PORTA QUE NÃO SE ABRE

ARRADOR (CONTINUANDO SEM ESPERAR O CONTRA REGRA) Estava chavesada por dentro. Parou um momento à espera de que a filha dissesse qualquer coisa. Nada. Tudo silêncio. Ele bateu de leve

REGRA BATIDA LEVES EM PORTA

ARRADOR Talvez ela estivesse dormindo...

MONOR (APASTADA) Quem é?

BORIO (PROJETANDO) Sou eu, minha filha.

MONOR (SECA, APASTADA SEMPRE) O que é que o senhor quer?

BORIO Queris entrar um momento para falar contigo ^{so um} ~~um~~ bocadinho.

MONOR Não posso abrir. Estou com dor de cabeça e preciso descansar.

BORIO É só um instante, filhinha, abra.

MONOR Não posso abrir, já disse. Deixe-me descansar.

BORIO Está bem, minha filha, desculpe, então. Desejo que voce passe uma boa noite.

ERRADOR (... DEPOIS DE PAUSA) E ela voltou cabaleiro a e noite toda se remexeu na cama sem poder dormir. No dia seguinte, notou que a mulher e a filha conversaram, encerradas no quarto, pelo espaço de mais de duas horas. À noite, foi a filha mesma quem veio procurá-lo.

CONOR (DEPOIS DE PAUSA) Papai, eu... eu tenho que te pedir desculpas pela maneira brusca com que te tratei ontem à noite.

BORIO Ora essa filhinha... Pois se voce estava indisposta... O papai é que foi impertinente com voce.

CONOR Não, não... eu sei que fui brusca, mas... é que eu... eu estou nervosa. Além eu já ando assim há muito tempo, papai;

BORIO E porque não procure um medico? Vou leva-la hoje mesmo ao doutor Epifanio, quer?

CONOR Não é preciso, papai. Eu jpe consultei. Ele disse que é o sistema nervoso que está profundamente alterado e que eu necessito de um tratamento muito severo para não cair numa neurestenia profunda.

BORIO Deus nos livre, minha filha! Nem fale numa coisa destas.

CONOR Ele acha... acha que eu deveria fazer uma viagem para me distrair.

BORIO Uma viagem? Ótimo. Seria o melhor remedio, estou certo. Voce poderia ir passar uns dias com a mana Clotilde em Passo Fundo. É garantido que ela ficaria muito satisfeita com o sua visita.

CONOR Não, papai, o doutor Epifanio acha que eu devo ir para um centro grande onde as distrações sejam mais e constantes. Falou-me em Rio, São Paulo ou Buenos Aires.

BORIO Tão longe, minha filha!

CONOR Pois é. Al é que está o ponto nevrélgico da questão. Eu não poderia ir assim para tão longe sozinha. A mãe teria que me acompanhar. E duas pessoas, em qualquer desses tres lugares que ele sugeriu, não podem ir com pou-

BORIS (De fato. (PAUSA E TOM) Você... você gostaria de passar ali um tempo num desses lugares, minha filha?

ANITA Bem, eu gostaria muito, não resta dúvida, mas... eu penso na despesa que vai ser enorme.

BORIS Se você tem vontade de ir e precisa, não se pense em mais nada. O papel vende *está* casa e você vai com sua mãe.

NARRADOR (DEPOIS DE PAUSA) E Lírio, pensando apenas no bem estar da mulher e da filha, ou procurando - quem sabe? - redimir-se da culpa que sentia pesar-lhe sobre os ombros, vendeu imediatamente a sua casa, único bem material que possuía, e entregou à dona Cecília e Leonor oitenta e vinte mil cruzeiros para as despesas de viagem e estadia no Rio de Janeiro, o lugar escolhido pela suposta enferma. Reservou para si apenas dez mil cruzeiros para qualquer necessidade imperiosa que pudesse aparecer. E teve que sair logo da casa, pois que o comprador exigia essas condições. Dois dias antes de viajar...

ANITA Pronto, já vendi todos os móveis e aluguei, para você, um quarto na casa de dona Marcelina. Lá você ficará muito bem.

BORIS Você vendeu os móveis, minha velha? Mas e depois?

ANITA Ora, depois. Depois a gente compra outros e mobília a casa nova.

BORIS Os móveis estão tão caros nos dias que correm...

ANITA Não se preocupe. Eu sei o que faço.

BORIS Está bem. Você é que sabe como fica melhor. (PAUSA E TOM) Quando é mesmo a viagem?

ANITA Depois de amanhã às duas horas. Embarcaremos no primeiro trem para Porto Alegre, onde chegaremos às onze horas. Lá você tomará o avião.

BORIS Eu não gosto dessas viagens de avião. Vocês bem que poderiam ir de trem ou até mesmo de vapor.

ANITA Mas a sua filha quer ir de avião e agora? Que é que você me chama de avião? Que é que você quer dizer com isso?

LIBÓRIO Não, não... Deus me livre! Não é bom. Se foi eis que escolheu, este bem. (PAUSA PENSATIVA) Vocês... vocês pensam demorar lá muito tempo?

MILA Não sei nada, por ora. Depois que estiverem instaladas e conforme Leonor estiver pensando de estudar, eu lhe escreverei e mandarei dizer qualquer coisa.

LIBÓRIO Está bem, minha velha. Eu só peço que vocês não demorem muito sem necessidade, porque... porque eu vou sentir muita falta das duas. Vou ficar sozinho e você sabe...

NARRADOR (DEPOIS DE PAUSA) Libório enxugou uma lágrima furtivamente. Já estava sofrendo a ausência da mulher e da filha, mesmo antes delas haverem partido. Talvez ele mesmo nunca tivesse imaginado, antes, o que aquelas duas criaturas significavam na sua vida!... (PAUSA) Dona Camila tinha não percebido a profunda condição daquele pobre homem.

Ela o quisera bem, mas desde que percebeu que ele não olhava para ela com o mesmo respeito e admiração que antes, não pôde mais vencer a animosidade que a dominava e isso foi suficiente para que ela passasse a desprezê-lo. No dia da partida ele foi à estação acompanhá-las.

Quisera falar, dizer à mulher e à filha um mundo de coisas, mas quando chegou o momento ele não conseguiu falar, as palavras foram interceptadas na garganta. Abreçou-as em silêncio, forçosamente. Deu-lhes um beijo longo, estendendo o rosto para elas em silêncio também.

OPERADOR RUIDO DE TREM QUE VAI SAINDO DA ESTAÇÃO E AOS POUCOS VAI SE AFASTANDO, ATÉ SUMIR NA DISTÂNCIA.

NARRADOR (SEM CORTAR) Quando o trem começou a sair, uma dor aguda feriu-lhe o peito, estúpida e obediência. Ele não sabia mais o que dizer, mas ele mesmo que se negava a acreditar que elas partiriam sem ele, não conseguia evitar de olhar para trás, como se elas não fossem apenas uma memória, mas uma presença viva e palpável.

mas, mais e trem havia rodado uns instantes, recolheram-se ao interior do carro para livrarem-se da poeira ou da presença mal suportada do "pape velho" que ficára imóvel na gare, olhando o trem ir sumindo aos poucos, o peito sacudido por soluços repressos, os olhos embaçados por uma torrente de lágrimas que não corriam.

OPERADOR NESTA ALTURA O TREM DEVE ESTAR BEM LONGE, QUASI SUMIDO. DAI, SOME DEFINITIVAMENTE.

NARRADOR Depois veio a angustia de espera. Um dia, dois dias, cinco dias, dez, quinze, vinte e finalmente veio uma carta. Era dona Camila quem escrevia ao marido.

CAMILA Talvez seja triste para voce a verdade, mas já é tempo para que voce tome conhecimento dela. Eu e sua filha não voltaremos mais a viver em sua companhia.

LIBORIO Não!... Não pode ser!...

CAMILA Estamos saturadas do ridículo em que voce nos jogou e resolvemos livrar-nos dele a qualquer custo.

LIBORIO Eu... eu devo estar sonhando!

CAMILA Usamos deste ardil para nos afastarmos definitivamente de voce e para evitar que voce um dia venha à nossa procura, não lhe daremos o nosso endereço. Estamos bem, muito bem. Melhor do que nunca. Livres, finalmente, de sermos apontadas como a mulher e a filha do pape velho.

LIBORIO Que ingratidão!... Que maldade tão grande, meu Deus!... Eu que se quer tanto e que toda uma vida não fiz mais do que adorá-las com toda a minha capacidade de bem querer!... Não!... Não pode ser!... Isto não é verdade!... Elas estão brincando comigo. Estão procurando certificar-se do grau de minha estima por elas. É isto, sim. Eu logo vi. Não podia ser outra coisa. Elas quiseram enganar-me e eu descobri a verdade! Marotes! Dizerem que não me querem mais. Se isso é possível!...

(CORTE PARA O TREM QUE SE AFASTA ATÉ CARVALHAR)

FORTE POR ALGUNS MOMENTOS. AO SINAL DO DIRETOR O CONTRA
REGRA INICIA O MOVIMENTO SEGUINTE)

REGRA AO SINAL DO DIRETOR, FAZ PASSOS DE MULHER, APRESSADOS,
(APROXIMANDO)

MARCOLINA (APROXIMANDO) Sei Liborio, que é isso, seu Liborio? O que
é que o senhor tem? Por que está rindo dessa maneira?

LIBORIO Elas mentiram, dona Marcolina. (FICA SERIO E COMEÇA A AN-
GUSTIA) Mentiram, ouviu? Mentiram! Mentiram!... Não é pos-
sível!... Não é possível que seja assim, como elas dizem
!... (COMEÇA A CHORAR, DESPERADO) Eu não posso crer!
Não posso crer dona Marcolina!... Não posso crer!...
(CHORA COPIOSAMENTE ATÉ O SINAL PARA MARCOLINA)

MARCOLINA (AO SINAL DO DIRETOR, PROFUNDAMENTE CONDOIDA) Pobre homem
!... Como é possível que a mulher e a filha tivessem cor-
ragem de feri-lo dessa maneira.

(LIBORIO) (OLIVE-SE AINDA ALGUNS MOMENTOS OS SOLUCOS DESESPERADOS
DE LIBORIO)

ARRADOR AO SINAL DO DIRETOR ENTRA COM A CARACTERÍSTICA FORTE
PARA FINAL DO 2º ATO

III ATO

ARRADOR CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO TERCEIRO ATO

ARRADOR Depois da carta terrível em que a mulher e a filha decla-
ravam... abandonou-o, Liborio já não era mais o mesmo
homem. Nem sequer os velórios lhe seduziam mais! Deixava
de dormir as noites inteirinhas e mal se alimentava.
Havia momentos em que se irritava contra tudo e contra
todos, ele que fora sempre paciente e... bom. Dona Marcolina
na procurava, em vão, encorajá-lo. Um dia, cansada de sofrer
em silêncio...

LIBORIO Hebe que resolvi embarcar para o Rio de Janeiro, dona
Marcolina?

MARCOLINA Pois fez muito bem, seu Liborio. Fez muito bem. Há muito
que...

não me animava.

LIBORIO

Eu não posso mais viver assim, dona Marcolina. Tenho receio de enlouquecer. É uma angústia tão grande... um desespero tão fundo...

MARCOLINA

Mas também não é para menos. Eu que sei como o senhor era para aquelas duas!... (TOM) Mas seu Liborio, e o endereço delas, como é? Será que o senhor vai conseguir?

LIBORIO

Não importe. Eu hei de encontrá-las a qualquer custo. Nam que saia a deter de casa em casa.

MARCOLINA

Mas o Rio de Janeiro não é isso aqui, não vê pensar. O senhor vai ter que andar quilômetros e quilômetros.

LIBORIO

Entanto tiver forças, andarei.

MARCOLINA

Está bem, vá então. Só o que posso lhe desejar que o senhor as encontre e consiga convencê-las a que o aceitem de novo.

LIBORIO

Obrigado, dona Marcolina, muito obrigado. A senhora tem sido uma grande amiga.

MARCOLINA

Ora esse, seu Liborio, a gente tem obrigação de procurar socorrer os que estão em agonia. Quando o Prateado me abandonou, eu nem sei o que seria da minha vida se não fosse a vizinha Candoca. A gente está no mundo para isso mesmo: para servir uns aos outros.

NARRADOR

(D POIS DE PAUSA) E enquanto o pobre Liborio, no seu desespero sem alívio, preparava a viagem ao Rio, lá, esquecidas do mundo e daquele desventurado coração que elas haviam pisoteado, mãe e filha viviam as horas mais felizes de sua existência.

LEONOR

Encontramos o apartamento que desejávamos, afinal, mamãe.

CAMILA

Que bom, minha filha! Que bom. Quer dizer então...

LEONOR

Que o casamento está por poucos dias. Agora é só esperar que os papéis fiquem prontos e eu serei a noiva do grande industrial Francisco Bermudes. Não parece mentira, mamãe?

MILA É verdade. Mas uma vez eu bemigo a hora em que abandonamos aquele apartamento e transferimos nossa residência para o Rio. (TOM) Onde fica o apartamento, minha filha? Você ainda não me disse.

HONOR Fica em Copacabana, imagine a senhora. Bem na praia como nós desejávamos que fosse.

MILA E o meu quarto tem janela para o mar?

HONOR Duas, mãe. A senhora vai ver que vista magnífica!

MILA Que bom, minha filha! Eu estou tão feliz, tão contente que você nem imagine.

HONOR E eu mais ainda. (TOM) Sabe o que Alexandre me disse hoje? Que o pai dele já declarou que assim que nos tenhamos casado ~~eu~~ que ele será aumentado em três mil cruzados no seu ordenado. Vamos ter uma vida esplêndida, mãe! Quando eu lembro de que ordens se deu para aquelas economias loucas para se poder comprar um vestido novo ou um par de sapatos...

MILA É quando eu me lembro que aqui ninguém nos conhece e que estamos livres, finalmente, do ridículo que pesava sobre as nossas vidas!... Se tivéssemos ficado lá, você nunca se acertaria com o seu noivo e não se casaria com ele nem com ninguém.

HONOR Ah, não me casaria mesmo, principalmente depois que inventaram aquela história de que o papai dava peso, que era pronúncia de meu egoísmo.

MILA Não me fale nesse homem, minha filha. Vamos tratar de esquecê-lo.

HONOR Interessante... e a senhora saber que o Alexandre também não gosta que eu fale nele?

MILA E não deve falar mesmo. Vamos fazer de conta que a vida, parece não começou quando chegamos ao Rio de Janeiro.

HONOR Para mim, mãe, não. Para mim ela começou, realmente, na noite em que me acertei com Alexandre.

MILA Não tem importância. Eu sou mais velha que você, é justo que

e minha vida tinha começado antes de sua. (RIEM AS DUAS, APARTANDO-SE)

NARRADOR

Felizes e despreocupadas, elas aguardavam, confiantes, o futuro risonho que se apresentava bem próximo. O casamento de Leonor com Alexandre representava, para a jovem, o céu límpido e sem nuvens; para dona Camile, o bem-estar e a tranquilidade de sua velhice. Seu Libório fora posto de parte e não entrava mais nas suas cogitações. Este, entretanto, não podia pensar em mais nada que não fosse na mulher e na filha. Despedira-se do emprego, retirara do Banco o saldo que ainda lhe restava da venda da casa e mandara reservar passagem no primeiro vapor que deveria seguir para o Rio. Começou, desde então, a contar os dias e as horas que ainda lhe faltavam para a viagem. E como elas custavam a passar!... Com lentidão exasperante, iam pingando, uma a uma, do contágotas do tempo!... Finalmente... chegou o momento tão ansiosamente esperado.

LIBÓRIO

Dona Marcolina, vim dar-lhe o meu abraço de despedida.

MARCOLINA

Já, seu Libório? Mas é cedo ainda. O trem só sai às nove horas e são pouco mais de sete...

LIBÓRIO

Mas sempre é bom a gente ir com uma certa antecedência. Até que eu chegue à estação, já serão sete e mais. Abraça um amigo, converse com um conhecido, embarca, não embarca... são oito horas. Procure lugar, pegue a bagagem... agora doze e vê, o trem está saindo.

MARCOLINA

E o senhor gosta de fazer tudo com tempo, não é? Eu sei. Então vá, vá com Deus.

LIBÓRIO

Eu quero lhe agradecer todas as suas atenções e lhe pedir desculpas de alguma falta.

MARCOLINA

Ora esse! Qual o que, seu Libório. O senhor foi um bom hospede que nunca me deu trabalho... (TOMA) que horas vai sair o vapor?

LIBORIO Às quatro horas. Se o trem não atrasar, antes de uma *eu* estarei em Porto Alegre. Como qualquer coisa ligeira e vou logo para o café.

MARCOLINA Quem sabe eu ainda lhe preparava uns sanduíches para o senhor levar?

LIBORIO Não, dona Marcolina, muito obrigado mas não há mais tempo. Eu curo estar cedo na estação. Até à volta, então é mais uma vez obrigado por tudo.

MARCOLINA Não tem que me agradecer, já lhe disse. Vá com Deus e a Virgem Maria. Que Nossa Senhora dos Navegantes lhe acompanhe, que o senhor tenha uma boa viagem e que encontre logo a dona Camille e a Leonor.

LIBORIO Deus e ouça, dona Marcolina.

MARCOLINA (JA PROJETANDO) E se chegar e encontre-las, dê um abraço que eu mando a que elas escrevam enviando notícias.

/RINHA DESDE O COMEÇO DA PALA COMEÇA A FAZER PASSOS SE APASTAN TO

MARCOLINA (CONTOIDA MAS EXAGERADA) Coitado do seu Liborio!... Corte o coração da gente ver o sofrimento do pobresinho. (PROJETANDO, COMO QUEM SE LEMBROU DE REPENTE) Olhe, seu Liborio, assim que chegar lá telegrafe que é pra gente ficar sabendo.

NARRADOR (DEPOIS DE PAUSA) Seu Liborio nem mais ouviu as últimas palavras de dona Marcolina. É que seu pensamento se íra na sua frente e já se encontrava no vapor muito antes dele. Na estação, conversou com um ou outro conhecido que por acaso encontrou, num empenho maluco de fazer com que o tempo passasse mais depressa. Finalmente, às nove horas...

/RINHA UMA BATIDA FORTE DE SINO DE ESTAÇÃO

OPERADOR APITO E SAIDA DE TREM QUE SEGUE ANFANDO E VAI SE DISTANCIANDO DEVAGAR ATE DESAPARECER

NARRADOR (SEM INTERROMPER)...o trem partiu levando o Liborio juntamente com as suas angustias...as suas recelias...é as

e logo rumou para o porto. Era cedo demais e não havia ainda ninguém ali. Apenas um outro apressado e impaciente como ele. Subiu a escada do navio, colocou a sua resumida bagagem no camarote e veio postar-se na amurada para aguardar a hora da saída. Estava impaciente como no dia em que fora encontrar-se com dona Camille pela primeira vez para conversarem. Depois de uma longa espera de duas horas que mais pareciam dois séculos, sou finalmente a sineta de bordo, convidando os acompanhantes a se retirarem.

REGRA SINETA DE BORDO QUE VEM BATENDO DE LONGE, PASSA PERTO DO MICROFONE E SEGUE BATENDO ATÉ SUMIR NA DISTÂNCIA

NARRADOR (SEM INTERROMPER) Todos os passageiros se despediam de alguém. Ele não. Não tinha ninguém a quem abraçar. Estava só. Completamente só. O vapor avistou a todos que lá embora APITOS REPETIDOS DE SAÍDA DE VAPOR

NARRADOR (SEM INTERROMPER) E começou a se afastar lentamente do cais. Libório teve a sensação de haver tirado um peso lastimoso de cima do seu coração. Já se achava em viagem para o Rio! Já se achava a caminho do seu reencontro com a felicidade perdida. E entregava o momento em que tornaria a encontrar a mulher e a filha. Eles o aceitariam de volta, estava certo. Sua bondade infinita levava-o a considerar as coisas como se fosse ele quem as tivesse abandonado. Por isso, estava decidido a ajoelhar-se aos pés das duas e suplicar que elas o perdoassem.

OPERADOR RUIDO DE MAR EM FUNDO

NARRADOR (SEM INTERROMPER) A viagem foi longa e cansativa como a sua impaciência. O mar, ora calmo, ora agitado, fazia balançar na crista das suas vagas o vapor que seguia a sua rota, deixando atrás de si uma réstia de espuma e de fumaça. Um dia... dois dias... três... quatro... cinco e finalmente a viagem chegou ao seu término.

OPERADOR SUSPENSE O RUIDO DE MUR E SUBSTITUO POR RUIDO DE RUA
AGITADA

NARRADOR Libório, agora, já se encontrava numa das ruas centrais do Rio de Janeiro, EM BUSCA de um hotel onde hospedar-se. Depois... sairia à procura da mulher e da filha. Tivera uma ideia que por certo lhe fôra soprada por Deus. Procuraria a fábrica da pai de Alexandre, para localizar o rapaz. Este talvez soubesse alguma coisa de sua gente. Essa ideia lhe deu ténho ânimo que ele não pensou em mais nada. Atravessou a rua, sobreçando a sua mala de lona...

OPERADOR TRAVADA VIOLENTA DE AUTOMÓVEL, TRAMBULHÃO

LIBÓRIO (GRITO DE PESSOA ATINGIDA FORTEMENTE, DEPOIS GEMIDO)

Minha velha! Minha filha!...

NARRADOR (APOS UMA PAUSA) Um auto, em desabalada corrida, atingira-o em cheio deixando-o, ali mesmo, sem vida. "Minha velha - minha filha" foram as suas ultimas palavras! ... Duas horas ele permaneceu estendido no local do desastre. Veio o "rebocão" e levou-o para o necrotério. Sua mãe, desesperada na confusão do desastre, e, com ela, os seus documentos. Ninguém o conhecia. Ninguém sabia quem ele era. Como houvesse em seu bolso algum dinheiro a policia entregou-o a uma casa funerária para que lhe fizesse um enterro de terceira classe. Por ironia do destino, quando seu corpo se encontrava inteiramente adormecido na capela modesta...

LEONOR Que é aquilo querido?

ALEXANDRE Um velório, Leonor. Você não está vendo?

LEONOR Uma capela tão pequena... tão pobre... e assim de portas abertas para a rua...

ALEXANDRE São espelas feitas a proposito para os que não tem recursos.

LEONOR Apenas dois círios, acêsos... Nem uma pessoa para velar o pobre defunto... É triste morrer assim.

- Leonor - Que se vai fazer? É a vida, meu bem.
- Leonor - Eu sei. Mas não deixa de ser triste morrer assim. (Pausa e tom) Sabe que eu estou com tanta pena desse coitado que tenho até vontade de entrar um momento e rezar uma oração pela alma dele?
- Alexandre - Que é isso Leonor? Será que você está adquirindo a mania do seu pai agora?!
- Leonor - Deus me livre! Nada disto! Rezar uma oração por um morto não é a mesma coisa que ~~me~~ passar toda uma noite no velório de um des conhecido. É muito diferente, meu querido.
- Alexandre - Bem, se você quer mesmo rezar, entre duma vez, reze e vamos embo ra. Eu espero você aqui na porta.
- Narrador - Leonor entrou na capela modesta e se ajoelhou aos pés do atafúe. Rezou a sua prece e se levantou para sair. Seus olhos caíram sobre as mãos do morto e um frêmito de angústia sacudiu-lhe violentamente o corpo. ~~talvez~~ Aquela sinal escuro na mão esquerda do defunto ela o conhecia demais e era por demais estranho para que pudesse existir outro igual. Parou um instante indecisa e deu dois passos à frente. Levantou o lenço grosseiro que cobria o rosto daquele homem e empalideceu bruscamente. Uma nuvem escura cobriu-lhe os olhos por um momento e ela teve que se agarrar com força à borda do caixão para não cair. Passados alguns instantes, já mais refeita, dirigiu-se à porta da capela com passos trôpegos.
- Alexandre - Que tem você, Leonor? Que aconteceu?
- Leonor : Nada... não é nada... Foi talvez o cheiro das velas que me deixou tonta, mas... já passou... Não tenho mais nada... Vamos embora.
- Narrador - No dia seguinte, às dez horas da manhã, quatro homens contratados pela agencia funerária retiravam o caixão do Libório para levá-lo ao Campo Santo. Num automovel fechado, a pouca distancia, duas mulheres acompanhavam o carro fúnebre na sua corrida desabalada. Iam mudas e imóveis e nos seus olhos não se via o vestigio de uma lágrima sequer. Mas a mudez e a imobilidade daqueles corpos seria o verdadeiro reflexo do que lhes ia na alma? Ninguém sabe. Só o que se pode calcular, com maior certeza, é que o Libório deveria estar feliz,naquele instante, por ter a mulher e a filha a acompanhá-lo na sua última viagem. E si lhe fôsse dado falar, outras não seriam as palavras a sair dos seus lábios sinão estas:
- Liborio : Elas foram todo o meu mundo e portanto, agora, o mundo todo me acompanha à morada derradeira. E é o quanto me basta para que eu esteja feliz!
- OPERADOR - CARACTERISTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO.